

DESAFIOS E CAMINHOS PARA FORMAR LEITORES

Raquel Cardoso
PMS Cubatão - UNIMES

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões sobre a formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental. A metodologia adotada é a revisão de material bibliográfico referente à pesquisa do tema estudado, fundamentando-se em autores como Fazenda, Soares, Alarcão, Franchi, Marques e Fonseca. Os resultados demonstram que a formação de leitores requer debate de ideias e reflexão sobre as relações interpessoais. É por meio da inserção social e cultural que o estudante do Ensino Fundamental poderá tornar-se um leitor de formação contínua e ir em frente, superando os obstáculos que surgirem diante da sua leitura do mundo. E assim, a esse jovem será dada efetiva oportunidade para que possa “ler o mundo” que o circunda e, dessa forma, tornar-se um cidadão com autonomia. Entre palavras e frases, na busca pelo significado destas, o leitor, no caso o aluno do Ensino Fundamental, encontrará meios para adquirir conhecimentos e ultrapassar leituras mais densas e complexas.

Palavras-chave: Leitura; Formação; Letramento.

CHALLENGES AND PATHS TO FORM READERS

ABSTRACT

This work presents reflections on the formation of readers in the early years of elementary education. The methodology adopted is the review of bibliographic material related to the research topic, based on authors such as Fazenda, Soares, Alarcão, Franchi, Marques, and Fonseca. The results demonstrate that the formation of readers requires debate of ideas and reflection on interpersonal relationships. It is through social and cultural insertion that the student of Elementary Education will be able to become a reader with continuous formation and move forward, overcoming the obstacles that arise in front of their reading of the world. And thus, this young person will be given an effective opportunity to “read the world” that surrounds them and, in this way, become a citizen with autonomy. Between words and phrases, in the search for the meaning of these, the reader, in this case the elementary school student, will find ways to acquire knowledge and overcome denser and more complex readings.

Keywords: Reading; Formation; Literacy.

Introdução

Para se fomentar a formação de crianças leitoras, que cresçam com autonomia, é preciso que elas possam construir uma história de vida mediada por aspectos afetivos relacionados à leitura, tendo início a partir do núcleo familiar, por ser essa a primeira célula educadora na infância.

Uma das estratégias para se auxiliar o desenvolvimento da leitura e da escrita, é fazer com que o educando entre em contato, de forma gradual, com diversos textos, por meio de poemas, fábulas ou parlendas, explorando assim a intertextualidade. Um texto pode “conversar” com muitos outros, enriquecendo assim o repertório linguístico da criança em fase de alfabetização, como elucida a pedagoga Jussara Barros:

Normalmente, as poesias promovem o apreço pela leitura e o interesse pelos textos escritos. A poesia mexe com o imaginário da criança, levando-a a expressar desejos, sentimentos, descobrindo que se pode brincar com as palavras. Nas classes de educação infantil é muito comum o trabalho com parlendas e trava-línguas, mas a partir do primeiro ano do ensino fundamental esses textos vão perdendo espaço para textos informativos ou histórias que tenham fundo moral (Barros, 2022).

Nesse sentido, corrobora a psicanalista e escritora Ninfa Parreiras:

Quando a criança vai para a escola, a poesia marca presença em atividades lúdicas, com a recitação de versos, cantigas etc. Há brincadeiras para os grupos de alunos, que lidam com as partes do corpo, o aparecer/desaparecer objetos e seres. Sons de animais e de coisas da vida cotidiana marcam o emprego da onomatopeia que muito agrada à criança. Na medida em que ela cresce, há certo distanciamento da poesia. Por que a poesia não faz parte das leituras das famílias? E por que os professores têm dificuldade em ler poemas para e com as crianças? Adquirem-se muito mais livros em prosa do que em versos para as bibliotecas escolares (Parreiras, 2015).

Para que a intertextualidade esteja presente na sala de aula, o professor pode trazer exemplares de livros, ou seja, várias versões que se originaram a partir do conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho* dos Irmãos Grimm, por exemplo. Essas variantes do mesmo conto dialogam entre si: *Chapeuzinho Amarelo*, *Chapeuzinho Azul*, *Fita Verde no Cabelo*, etc.

O mesmo processo pode ocorrer ao se trabalhar com poemas, seja por meio de simples leituras ou dramatizações.

O uso de poemas propicia tecer comparações sociais ao abordar o cotidiano.

Trabalhar com poesia em sala de aula, principalmente na alfabetização, é sempre um grande desafio, porém também representa a oportunidade de aprender (e apreender) muito, porque na poesia está o lúdico e o brincar. O elemento lúdico surge como facilitador do aprendizado das crianças, favorecendo a alfabetização e o letramento.

A poesia infantil contém em si jogos, aliterações, rimas, assonâncias, anáforas, diversas figuras de linguagem, que atraem pela sonoridade e por sua função imagética, contudo não pode ser só jogo de palavras, não pode se perder em palavras sem sentidos, dentro de um poema ilógico, só com a função de cunho pedagógico [...] (Nascimento, 2021).

Ademais, a literatura, seja em forma de poesia, parlendas ou simples jogos de palavras, traz à criança a possibilidade de aprimorar o seu conhecimento da linguística textual, além de ampliar a sua consciência de letramento dentro e fora da escola, isso é, na prática social, com o exercício da reflexão/observação. São essas intervenções sociais, intra e extraescolares (e sua ampliação), que inserem cada vez mais o jovem à cidadania, conforme prevê o artigo 22 do capítulo II da Educação Básica, da LDB:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Parágrafo único. São objetivos precípuos da educação básica a alfabetização plena e a formação de leitores, como requisitos essenciais para o cumprimento das finalidades constantes do **caput** deste artigo (Brasil, 1996).

Sabe-se que auxiliar os educandos a se apropriarem de forma efetiva da língua escrita, contribuindo para a sua inserção social, conforme previsto em lei, é um ato colossal. Não só no Brasil, quando se trata de educação pública, acontece a luta do professor para que a maioria venha a fazer parte do mundo cultural e social da humanidade como um todo.

Como aponta o autor e poeta Léo Cunha:

Diante de um universo tão rico e complexo, é normal que o professor se sinta, às vezes, um pouco perdido ou inseguro. Mesmo os maiores especialistas em poesia infantil se sentem assim eventualmente: quando

descobrem um ótimo poeta do qual nunca tinham ouvido falar, quando pegam um poema que não tinham chamado muito sua atenção e de repente, numa segunda leitura, surge o fascínio; quando percebem que a criança fez do poema uma leitura inesperada, especialmente para o professor real que muitas vezes está sobrecarregado de trabalho, que nem sempre tem o tempo que queria para se dedicar aos estudos para mergulhar nesse mundo de poemas e menos ainda de obras teóricas que estudam a poesia e a leitura literária em geral (Cunha, 2012).

A formação de leitores

Em 2022, entrou em vigor a Lei 14.407/22, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), para estabelecer o compromisso com a formação do leitor e o estímulo à leitura. Inclui a alfabetização plena e a capacitação gradual para a leitura como deveres previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que abarcam a educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos.

Parágrafo único. São objetivos precípuos da educação básica a alfabetização plena e a formação de leitores, como requisitos essenciais para o cumprimento das finalidades constantes do **caput** deste artigo (Brasil, 2022)

Com base na experiência docente e pessoal da presente pesquisadora, acredita-se que o aluno deve ter acesso aos mais variados tipos de textos poéticos, também filosóficos, a fim de que aprenda a pensar e obtenha ferramentas para inserir-se como cidadão reflexivo na sociedade de que faz parte.

Ressalta-se a importância do caminho da alfabetização e do letramento, seguindo principalmente os ensinamentos da professora Magda Soares (2010) e de Paulo Freire (2014), entre outros, com o objetivo de se planejar a base para o exercício da cidadania.

Também é a partir da leitura de poemas que o educando vai se familiarizando com a poesia, por meio de estratégias pedagógicas que incluam dramatização, oratória, musicalidade e ludicidade.

A fluência leitora e a contação de história na alfabetização visando à escrita

A professora Magda Soares em *Alfaletrar* aponta que:

[...] leitura com fluência significa reconhecimento rápido e correto de palavras e de conjunto de palavras ritmo e entonação adequados o que depende da compreensão do texto. No ciclo da alfabetização e letramento, assim que a criança as crianças adquiram alguma Independência de leitura é preciso desenvolver atividades específicas para a aquisição da fluência oral na leitura, base para fluência na leitura silenciosa orienta também para

a fluência os sinais de pontuação como indicadores de pausas, de entonação conte, sugere atividades para o desenvolvimento da fluência na leitura de textos vírgulas que devem ser realizados com regularidade reservando-se algum tempo para elas pelo menos 2 vezes por semana até que as crianças desenvolvam a capacidade de ler um texto com rapidez e precisão de decodificação com ritmo e entonação adequados. São atividades que envolvem toda a turma pois a leitura oral pelas crianças separadamente para avaliar e desenvolver individualmente a fluência o que seria desejável é quase impossível na organização predominantemente coletiva das atividades em sala de aula. Adequando o tamanho do texto e seu nível de complexidade as atividades podem ser desenvolvidas a partir do primeiro ano [...] (Soares, 2022, p.246).

Cursos de contação de histórias como o do Pró-Ler propiciam a ampliação da expressão oral do docente para trabalhar textos em sala de aula. E assim, faz-se a diferença na vida de muitas crianças por meio da leitura e interpretação da palavra, dando-lhes a oportunidade de se tornarem indivíduos menos agressivos, cidadãos autônomos e conscientes.

Naturalmente, os pais (ou outros membros da família) podem desempenhar o papel de primeiros contadores de história na vida das crianças. É comum encontrar pais que contam histórias do tempo de antepassados, trazendo para o presente, aventuras e curiosidades de outros tempos. Teresa Colomer, em *A concepção da leitura*, afirma que:

[...] ler é entender um texto, a escola contradiz com certa frequência, tal afirmação ao basear o ensino da leitura em uma série de atividades que se supõem que mostrarão aos meninos e as meninas como se lê mas nas quais, paradoxalmente nunca é prioritário o desejo de que entendam o que diz o texto. É muito comum, por exemplo, escolherem se como materiais de leitura pequenos fragmentos de textos ou palavras soltas em função das letras que as compõem estudarem se as letras isoladas e segundo uma ordem de aparição pré-estabelecida ou se mandar ler em voz falta com a atenção centrada naqueles aspectos que serão valorizados e corrigidos prioritariamente: a precisão das 'palavras na soletração, a pronúncia correta, a velocidade de fusão dos sons pronunciados etc. O distanciamento dessas práticas de leitura de qualquer busca do significado não se baseia naturalmente em uma perversidade intrínseca da escola, mas são consequência de uma concepção leitora que permaneceu vigente durante séculos com, até que os avanços teóricos nesse campo, nas últimas décadas, a puseram em questão [...] (Colomer; Campos, 2002, p.29-31)

O que se pode inferir a partir da leitura de Soares e Colomer (2002) é que na alfabetização o aluno não aprende palavra por palavra como parece, mas sim compreende o texto como um todo. Isso é, na hora da leitura, a criança, o receptor, cria em seu cognitivo todo um cenário de atos e fatos a partir das histórias contadas

(seja pelos membros da sua família ou por educadores, professores) e dessa forma vai “construindo” um mundo de fatos sociais , que vai ouvindo, “degustando” por meio da leitura e da releitura de seus emissores...

Uma Profissão Paradoxal: como despertar a criança para a leitura

O despertar para a leitura pode acontecer mais cedo na vida de uma criança se houver o incentivo tanto da família quanto da escola, por meio de estratégias como a contação de histórias antes de dormir, a criação de um cantinho da leitura, jogos e brincadeiras que estimulem a criança a aprender a ler e escrever.

Durante a exploração do cantinho da leitura em sala de aula, pode-se perceber, conforme alerta a professora Magda Soares, a importância desse momento na escolarização. Deve-se aproveitar essa ocasião para orientar as crianças a prestarem maior atenção às letras do alfabeto. Como incentivo, pode-se pedir a cada aluno que leia um trecho do seu livro, mostrando as letras, os desenhos, etc. São formas de inserção social de leitura, às quais muitas dessas crianças da escola pública não têm acesso em casa, pois seus pais trabalham, às vezes até em jornada dupla, e não têm tempo para acompanhar a aquisição de leitura dos filhos.

Entra em cena, nesse momento, a figura do professor “*contador de história*”, mediador da literatura infantil na alfabetização. É esse professor, um ser encantado e encantador, que por realmente amar as “letras”, os pensamentos e as imagens expressas, atrai os alunos da alfabetização para as inúmeras interpretações dos *signos linguísticos* ali presentes no livro paradidático.

Os PCN insistem que a formação do leitor e escritor só será possível na medida em que o próprio professor se apresenta para o aluno como alguém que vive a experiência da leitura e da escrita. O professor, além de ser aquele que ensina conteúdos, é alguém que transmite o valor que a língua tem demonstrado para si. Se o professor tem relação prazerosa com a leitura e a escrita certamente poderá funcionar com medidas para seus alunos (Rojo, 2000, p.66).

Crianças incentivadas pela atividade vão por si mesmas tomando posição diante da leitura da professora e das imagens dos livros. Sentindo-se seguras para opinarem sobre o que ouvem e veem, fazem críticas às ilustrações, também apontam alguma imagem tida como “proibida para crianças”, ou qualquer outro elemento que lhes cause estranhamento.

Os relatos obtidos por meio da vivência no exercício do magistério voltado à alfabetização trazem à memória do(a) educador(a) os ensinamentos obtidos durante a própria infância. E por isso, há a procura de se aprofundar no estudo, com a formação continuada como forma de trazer algo novo para a leitura e releitura dos alunos e para o próprio(a) professor(a), pois sabe-se que *alfabetizar e letrar* não acontece só por meio das palavras, mas também, por meio das imagens, do *signo linguístico* que permeia a sociedade cultural em que se está inserido(a).

Sob essa perspectiva, remete-se à leitura de Hargreaves (2004, p.25-26):

Ensinar é uma profissão paradoxal. Dos professores mais do que de qualquer outra pessoa se espera que construam comunidades de aprendizagem virtual criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam capacidades para a inovação, a flexibilidade e o compromisso com a transformação essenciais à prosperidade econômica. Ao mesmo tempo os professores também devem mitigar e combater muitos dos imensos problemas criados pela sociedade do conhecimento tais como o consumismo excessivo, a perda da comunidade e o distanciamento crescente entre ricos e pobres; de alguma forma devem tentar agir simultaneamente esses objetivos aparentemente contraditórios... Ao prejudicar os professores das próximas gerações, a sociedade do conhecimento está devorando seus jovens.

A citação acima coaduna com a constatação do quanto a escola vem sendo abandonada pela administração pública nos últimos anos. Os desfalques que têm sido feitos ao erário e o silêncio das autoridades responsáveis resultam também na falta de psicólogos, professores de apoio às crianças, sejam estas da inclusão ou não. Há relatos de casos em que grupos de professores tiveram de fazer uma “vaquinha” para que determinada criança pudesse ser avaliada por um psicólogo, enquanto a mãe agradecida chorava por ter encontrado alguma ajuda para seu filho. Assim, constata-se mais uma vez como o contato do professor e da direção da escola pode ajudar a minimizar a deficiência de recursos.

Leitura e Letramento Social

Segundo Maria Helena Martins (2000), leitura é a compreensão e percepção de signos que estão no mundo real apreendido pelo leitor.

A leitura dá-se a partir do momento em que se percebe, no dia a dia, determinado objeto, atribuindo-lhe significados, de acordo com a percepção de sua importância para cada indivíduo. O desenvolvimento da leitura ocorre conforme a

maturidade psíquica, por meio das influências culturais recebidas ao longo da vida, iniciando-se no processo da alfabetização, conforme observado por educadores no exercício do magistério.

A leitura é um acontecimento que surge de maneira diferente para cada indivíduo, mediante a experiência de vida, a influência recebida no meio social, demais aspectos subjetivos, o contexto familiar, conflitos internos e externos, bem como os objetivos pessoais.

Martins (2000, p.16) para contextualizar sua afirmação de que se aprende a ler a partir do contexto pessoal e ir além dele, cita um fragmento de Sartre sobre a sua experiência pessoal em relação à leitura:

Apossei-me de um livro intitulado Tribulações de um chinês na China e o transporte para um quarto de despejo aí, empoleirado sobre uma cama de armar fiz de conta que estava lendo: seguia com os olhos as linhas negras sem saltar uma única e me contava uma história em voz alta, tomando o cuidado de pronunciar todas as sílabas. Surpreenderam-me, ou melhor, fiz com que me surpreendessem, gritaram admirados e decidiram que era tempo de me ensinar o alfabeto. Fui zeloso como um catecúmeno, ia a ponto de dar a mim mesmo aulas particulares: eu montava na minha cama de armar com os Sem Família, de Hector Malot, que conhecia de cor, e, recitando, em parte decifrando percorri lhe todas as páginas, uma após outra, quando a última foi virada, eu sabia ler. [...] Fiquei louco de Alegria eram minhas aquelas vozes secas em seus pequenos herbários aquelas vozes que meu avô queimava com olhar, o que ele ouvia e eu não! Eu iria escutá-la, encher-me-ia de discursos cerimonioso e saberia tudo. Deixavam-me vagabundear pela biblioteca e eu dava assalto à sabedoria humana. Foi ela quem fez [...] Nunca esgaravatei a Terra nem farejei ninhos, não arborizei nem joguei pedras nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos e animais domésticos, meu estábulo e meu campo, a biblioteca era o mundo colhido no espelho, tinha a sua variedade e a sua imprevisibilidade. Eu me lançava a incríveis aventuras, era preciso escalar as mesas com o risco de provocar avalanches que me teriam sepultado. As obras da prateleira superior ficaram por muito tempo fora do meu alcance; outras mal eu descobri vi me foram arrebatadas das mãos outras ainda se escondiam: eu as apanhara um dia, começara a lê-las, acreditava tê-las repostas no lugar, mas levava uma semana para reencontrá-las. Tive outros horríveis: abrir um álbum, topava com uma prancha em cores, insetos horríveis pulam sob minha vista. Deitado sobre o tapete empreendi áridas viagens através de Fontenelle, Aristóteles, Rebelais: as frases resistiam-me à maneira das coisas cumpria a observá-las, rodeá-las, fingir que me afastava e retornar subitamente a elas de modo a surpreendê-las, desprevenidas: na maioria das vezes, guardavam seu segredo (Sartre *apud* Martins, 2000, p.16).

Há, portanto, a necessidade de se valorizar o contexto sociocultural e econômico em que está inserido o leitor. Logo, deve-se estar atento(a) quanto à necessidade de se descobrir formas de a escola facilitar o acesso aos livros da

literatura infantil, aos jornais, às revistas, assim como às novas tecnologias, entre outros meios para que se desenvolvam os *multiletramentos* que o educando poderá adquirir durante o processo de alfabetização.

É por meio da inserção social e cultural que o estudante do Ensino Fundamental poderá tornar-se um leitor de formação contínua e ir em frente, superando os obstáculos que surgirem diante da sua leitura do mundo.

E assim, a esse jovem será dada efetiva oportunidade para que possa “ler o mundo” que o circunda e, dessa forma, tornar-se um cidadão com autonomia.

Entre palavras e frases, na busca pelo significado destas, o leitor, no caso o aluno do Ensino Fundamental, encontrará meios para adquirir conhecimentos e ultrapassar leituras mais densas e complexas.

“Surpreender” as palavras, compreender seu significado dentro de determinado contexto e daí diferenciá-lo entre outros, requer trabalho moroso, dedicação e coragem para mudar, também organização e vontade de continuar a aprender.

As delícias e angústias que sente o leitor ao iniciar a leitura de uma nova obra que, às vezes, foge-lhe à compreensão vocabular, representam um constante crescer. Há aqueles que arregalam os olhos diante da classe, quando descobrem um novo significado para o texto da hora da leitura que tanto já viram, mas desconheciam seus significados. O sorriso toma o lugar da angústia no momento que descobrem que são capazes de ler mais um trecho do livro sem a ajuda da professora ou de um dos familiares em casa.

CONSIDERAÇÕES

Na fase de alfabetização, ao se observar os alunos no processo de aprendizagem, pode-se notar que esses enfrentam obstáculos no dia a dia para continuar os estudos. Alguns até mesmo se perdem pelo caminho, pois dependem de um adulto para levá-los à escola. Crianças enfrentam a exclusão social por inúmeros fatores, tais como: pais analfabetos, pais muito jovens, pais usuários de drogas. Além disso, no caso da instituição escolar objeto desta pesquisa, há o aspecto físico, concreto, como a distância a ser percorrida entre a residência e a

escola, pois muitas crianças têm de atravessar uma longa passarela da Vila dos Pescadores para chegar ao Bairro do Casqueiro.

É recompensador acompanhar um aluno com dificuldades de aprendizagem desde o primeiro ano e ver o seu progresso ao alcançar no segundo ano uma certa autonomia, sendo capaz de ler um grupo de palavras. Incentivado, o aluno se esforça ao máximo, a fim de futuramente melhorar suas condições sociais e econômicas. Esse é o caso de um aluno oriundo da Vila dos Pescadores, em Cubatão, que relatou várias vezes a invasão de policiais na comunidade em que vive, tendo passado por uma terrível experiência, ao presenciar a repentina entrada de um policial em seu domicílio, apontando a arma para a cabeça da sua mãe.

Ao se refletir a respeito da aprendizagem desse mesmo aluno, há mais de um ano em acompanhamento, ouve-se de alguns professores que tal aluno é totalmente “fora da caixinha”. Questiona-se como uma criança pode ser calma e se comportar de forma adequada em sala de aula enfrentando o horror que ele e a maioria dos seus colegas vivem e ainda conseguir aprender e assimilar o alfabeto, a língua escrita, sistemas tão complexos como aponta a professora Magda Soares (2004).

REFERÊNCIAS

- COLOMER, Teresa; CAMPS, Ana. **Ensinar a ler Ensinar a Compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- _____. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CUNHA, Léo. **Poesia para crianças, conceitos, tendências e práticas**. Curitiba: Piá, 2012.
- SOARES, Magda. **A Reinvenção da Alfabetização**. Presença Pedagógica. Minas Gerais: v.9, 2003.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.
- _____. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e descaminhos**. Revista Pátio – Revista Pedagógica. Artmed Editora. São Paulo: 2004.
- _____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- _____. **Alfaletrar: toda Criança pode aprender a Ler e Escrever**. São Paulo: Contexto, 2022.